



Meme, Rolezinho e Violência Simbólica No Facebook: Um Olhar Dialógico¹

Letícia SCHINESTOCK²

Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de observar um meme específico do Facebook relacionado ao fenômeno dos rolezinhos, amplamente divulgado no final de 2013 e início de 2014 no Brasil. A proposta é encarar a publicação com olhar dialógico, na tentativa de estabelecer relações com os conceitos de valoração propostos por Bakhtin (2003), de violência simbólica apresentado por Bourdieu (1930) e pensá-los no contexto da internet. Pretendo compreender de que forma o fenômeno dos rolezinhos, a partir de um único meme, reflete os valores dos usuários que interagem em um espaço virtual e de que maneira a violência simbólica pode estar inserida nos discursos e nas representações desses sujeitos na rede.

PALAVRAS-CHAVE: rolezinho; facebook; dialogismo; violência simbólica

Introdução

A partir do olhar dialógico oferecido por Bakhtin (2003), busco observar a valoração e a violência simbólica manifestadas em um meme³ do Facebook relacionado ao fenômeno dos rolezinhos⁴, amplamente discutido no Brasil e no mundo no final de 2013 e início de 2014. O debate é amplo e as questões que cercam o fenômeno são mais amplas ainda. Por isso, meu objetivo foi analisar, a partir de uma única publicação no Facebook, que tipo de valoração pode ter sido atribuída pelos usuários que interagiram naquele espaço e que tipo de violência isso pode resultar daquela postagem. Para isso, usarei conceitos de Bakhtin (2003), Bourdieu (1930), Recuero (2009), Moura (2005), Elias (2000) e de outros teóricos para embasar este trabalho. Mas, primeiramente, acho pertinente debater um pouco sobre o fenômeno em si.

Os Rolezinhos

O termo "rolezinho" não é novo, embora tenha ganhado força e se disseminado mundialmente a partir dos acontecimentos tratados aqui. No Dicionário Informal, por exemplo, rolê⁵ é uma palavra que remete a um passeio, uma volta sem compromisso. Porém parece ser algo bem mais complexo do que isso, pois trata-se de um fenômeno social e coletivo. Os "rolezinhos", como ficaram conhecidos, são

¹ Trabalho apresentado no DT 05 – Rádio, TV e Internet, do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Mestranda de Linguística Aplicada no Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (PPGL/UCPEL); le.rschin@gmail.com

³ Entendo meme no sentido da idéia que é reproduzida em larga escala pelos usuários.

⁴ <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/temas/rolezinhos/>

⁵ <http://www.dicionarioinformal.com.br/role>



encontros marcados pelo Facebook para acontecer, principalmente, em shoppings. Mesmo não sendo uma prática nova, a polêmica teve início quando aproximadamente seis mil jovens compareceram a um shopping de São Paulo, causando apreensão por parte dos lojistas e consumidores que, por sua vez, chamaram a polícia e encerraram o expediente mais cedo. Após esse acontecimento, shoppings de todo o Brasil se programavam para não abrirem as portas nos dias em que os rolezinhos estavam marcados.

Marcus Faustini, em *O Guia Afetivo da Periferia*⁶, explica que os encontros marcados por esses jovens para "subir as escadas rolantes num sentido contrário, ouvir funk, zoar e beijar é um acontecimento que mostra a juventude da periferia inventando uma nova linguagem de produção de presença pública"⁷. Os próprios "rolezeiros" definem o evento como um "grito de lazer" e afirmam que não há nenhum propósito ilegal nas ações, mas mesmo assim acabaram virando alvo de investigações e intervenções policiais. Podemos citar Castoriadis(1986) que faz relação entre as condições da sociedade onde as normas e valores são tão unificadores que eliminam outras possibilidades de imaginação sociais e das atitudes daqueles sujeitos que recusam, mesmo que instintivamente, ações de igualdade com sujeitos de outros pertencimentos sociais. Para o autor, na "maioria dos casos e dos tempos históricos [...] o indivíduo é fabricado pela sociedade de tal maneira que porta nele mesmo a exigência de desigualdade em relação aos outros, e não a igualdade"(CASTORIADIS, 1986 apud DOURLEM, 2009 p.25). Ressalto aqui o poder da coletividade.

Se apenas um jovem da periferia fosse passear no shopping ao invés dos seis mil jovens que comparecerem no Shopping Itaquera no primeiro rolezinho⁸, a situação possivelmente seria outra. A ação coletiva também gerou reações coletivas em sujeitos que tiveram uma consciência de classe imposta, naquele momento, conflitando com os valores dominantes das classes mais altas. Com a confusão com rolezeiros no Shopping Itaquera⁹, novos encontros começaram a ser organizados em forma de protesto e apoio aos demais. Diversos rolezinhos aconteceram por todo o Brasil e os internautas, por sua vez, se apropriaram de tal fenômeno para fazer sua manifestação

⁶ O livro completo está em: <http://goo.gl/LNjBEq>

⁷ A entrevista com o autor pode ser acessada em: <http://www.brasil247.com/pt/247/favela247/125599/Os-rolezinhos-e-seus-significados.html>

⁸ Informações em ordem cronológicas dos rolezinhos realizados em São Paulo estão descritos em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/conheca-historia-dos-rolezinhos-em-sao-paulo.html>

⁹ Um vídeo, inclusive, de Policiais militares agredindo jovens foi divulgado em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1396629-video-mostra-pms-agredindo-jovens-em-rolezinho-dentro-no-shopping-itaquera-em-sp.shtml>



online, em forma de memes, principalmente depois que denúncias de que a polícia estava agredindo jovens e prendendo pessoas que não tinham nada a ver com o evento, sem que nenhum crime tivesse sido cometido. Vale ressaltar que muitos outros rolezinhos aconteceram, mas optei por especificar o primeiro caso por ser a partir dele que o movimento ganhou força.

Pensamento Bakhtiniano

Bakhtin trabalha com um sujeito ativo, moldado por suas relações sociais e transformado, constantemente, pelas situações históricas e temporais às quais está submetido. Acredito que é possível identificar este sujeito também na internet e por isso ancorei, aqui, minhas inferências no pensamento de Bakhtin e do Círculo. Algumas ideias básicas sobre o pensamento bakhtiniano são essenciais para a compreensão deste trabalho.

Primeiramente, é preciso entender que em cada ato humano (toda "voz") está presente uma relação com vários outros atos ("vozes") que se manifestam simultaneamente na interação, mesmo que seja o sujeito o real responsável pelo ato concreto (BAKHTIN, 2003). Este sujeito possui dois mundos insensíveis um ao outro: o mundo dado (*dan*) e o mundo postulado (*zadan*), conforme explica Sobral(2009). O primeiro(*dan*) é o natural, baseado em decisões e atos éticos. Já o segundo(*zadan*), é o mundo interpretado pelo coletivo ao qual o indivíduo pertence. Ele é histórico e social, movido por uma sociedade que define e se responsabiliza por suas próprias criações. São esses dois mundos distintos as fontes dos conflitos que resultam na concretização da mediação entre eles nos atos de fala do sujeito de uma só vez. Percebe-se, então, a sociedade como uma arena de vozes (VOLOSHINOV, 1976a) em que os sujeitos confrontam seus mundos e exaltam suas diferenças. Em cada ato, o sujeito deixa sua marca, uma espécie de assinatura, e passa a responsabilizar-se por ele perante a sua coletividade.

Bakhtin chama de valoração/avaliação ética o ato "responsável" presente no próprio conteúdo do ato em que o sujeito avalia e representa o valor atribuído para determinada questão em uma interação com outros sujeitos. A construção de sentidos depende da troca entre sujeitos ativos e responsivos, que moldam o mundo ao seu redor e permitem que o mundo altere as suas essências também. Não há nada estático, assim como não há nem a primeira nem a última palavra, pois todos os sentidos se renovam no tempo e em cada enunciado concreto. Nesse sentido, há um ouvinte que recebe e absorve simultaneamente a compreensão extraída do ato discursivo,



o que é chamado por Bakhtin de atitude responsiva ativa. Há um sujeito que depende dos outros sujeitos, da mesma forma que os enunciados só existem a partir de enunciações. A existência se confronta, inevitavelmente, com um "eu" e um "tu", como explica Sobral ao comentar um dos planos do dialogismo:

Dialogismo designa em primeiro lugar a condição essencial do próprio ser e agir dos sujeitos. O sujeito só vem a existir na relação com outros sujeitos, assim como só age em relação a atos de outros sujeitos, nunca em abstração desses sujeitos e desses atos (SOBRAL, 2009, p.35)

Apesar de ser um ato social (repetível), isto é, dizer respeito diretamente à coletividade na qual o sujeito se encontra imerso, esse ato também é singular e único. Um ato nunca é igual a outros atos, mesmo sendo feito da mesma maneira. São atos irrepetíveis, pois cada sujeito tem seu próprio modo de fazer o mesmo, mas de outro jeito. Assim, ao falar de sujeitos é se fala de atos (SOBRAL, 2009), pois ao mesmo tempo em que o ato supõe um agir geral, coletivo, ele também envolve os atos únicos e particulares de cada indivíduo. Não se lida, então, com um sujeito passivo e refém das circunstâncias da vida, mas com um indivíduo ativo em todo o processo do ato. Todos esses atos possuem um sujeito que age, um lugar no qual o sujeito realiza a ação e o momento em que o sujeito realiza a ação. O mundo compõe o sujeito, que também faz parte do mundo, de forma a nunca serem atingidos em sua totalidade, pois um depende do outro para existir ao mesmo tempo em que se alteram concomitantemente.

Por isso, tanto o locutor como o interlocutor são vistos como essencialmente ativos e igualmente importantes. Eles têm o mesmo peso, pois toda a enunciação é uma réplica, ou seja, uma resposta a enunciações anteriores e a possíveis enunciações futuras. Como as palavras do próprio autor ilustram, "[...] tudo está na superfície, tudo está na troca, tudo está no material, principalmente no material verbal" (BAKHTIN, 2003, p.42). Ao falar, o locutor desenha um ouvinte/leitor em sua mente que vai moldar seu ato, seu discurso, de modo que suas atitudes responsivas venham a estar de acordo com a compreensão responsiva do outro ao qual se dirige. Por fim, como simplifica Sobral (2009), há uma interpelação e uma pergunta a outras enunciações, "o sujeito que fala o faz levando o outro em conta não como parte passiva, mas como parceiro - colaborativo ou hostil - ativo" (SOBRAL, 2009, p.33) É esta alternância de vozes e valorações manifestadas pelos sujeitos que me proponho a observar no meme escolhido para análise.



Redes Sociais – Facebook

Há mais do que simples sujeitos conectados à internet. Há, de fato, sujeitos essencialmente ativos e mediados por artefatos tecnológicos que possibilitam que se expresse a uma grande quantidade de usuários, as valorações e avaliações responsivas através de um novo canal de comunicação. Trata-se de um fenômeno social contemporâneo que se apropria dos meios técnicos, reinventa o cotidiano e instaura novas formas de sociabilidade (MOURA,2005). As relações estabelecidas pela mediação do computador tendem a refletir características peculiares das sociedades contemporâneas, de forma a evidenciar a cultura e os valores dos indivíduos que, por sua vez, se mobilizam e estruturam uma nova sociedade: a sociedade em rede (CASTELLS, 2003), também chamada de aldeia global por McLuhan (1964)¹⁰. Dentro desse universo interconectado, situam-se os sites de redes sociais, que discutirei brevemente abaixo.

Sites de rede sociais são sites que oferecem convidam os sujeitos a ampliarem suas relações e a darem início a novos tipos de circulação de informação (RECUERO e ZAGO, 2009) e a inventarem outras formas de interação (PRIMO, 2006). Junto a isso, há uma diversidade de interações mediadas pelo computador e realizadas no ciberespaço com potencial para abranger uma quantidade relevante de sujeitos. São conteúdos públicos que circulam pelas diferentes redes e podem sofrer interferências diretamente por qualquer um que tenha acesso à ferramenta. Os usuários desses sites se apoderam dos instrumentos oferecidos pela internet e constroem elementos individuais que representem parte de sua personalidade. Boyd (2007 *apud* RECUERO, 2009b) aponta algumas características específicas dos sites de rede social. A primeira delas é a persistência, que diz respeito à permanência do conteúdo no espaço virtual, isto é, a menos que seja deletada, a informação ficará permanentemente visível para os outros usuários. Outra característica é a capacidade de busca (*searchability*), ou seja, o conteúdo permanente é passível de ser buscado e encontrado. Ele não somente é perene, mas também pode ser encontrado em qualquer momento e tempo, como se estivesse sendo rastreado – e de certa maneira está.

A replicabilidade - capacidade de o conteúdo ser replicado infinitas vezes pelos usuários - é outro elemento apontado por Boyd como típico da comunicação nos sites de redes sociais. São conteúdos que, quando divulgados, demonstram os valores

¹⁰ Para McLuhan (1964), o mundo está se tornando uma aldeia global, um acontecimento simultâneo em que o tempo e o espaço desapareceram. Trata-se de indivíduos das mais diversas regiões do mundo interconectados como se estivessem em uma aldeia.



relevantes, manifestados por cada agrupamento destes sites. Assim, são essas redes que vão reproduzir e sustentar as informações consideradas importantes para cada grupo social. Para observar esses valores, optei por analisar um meme que circula no Facebook. Considerei o Facebook relevante para este trabalho por seu caráter múltiplo, além da importância da ferramenta no dia a dia dos brasileiros. Segundo dados do Facebook ADS de março de 2014, 88 milhões de brasileiros utilizam o Facebook, o que resultou na marca de segundo país em número de usuários que acessam o site todos os dias¹¹. Acredito que o Facebook poderá ser uma plataforma interessante a ponto de oferecer insumos importantes para que seja possível integrar os conceitos de Bakhtin e de violência simbólica no meme analisado.

Violência Simbólica

Pierre Bourdieu (1930) explica que a violência simbólica deriva de uma construção social na qual os valores simbólicos de uma determinada classe dita dominante são internalizados e naturalizados, passando a serem propagados como elemento de uma cultura 'superior'. Esta violência, diferentemente da violência física, encontra-se imersa nas relações sociais e entrelaçada a formas invisíveis de coação que ganham suporte e apoio, muitas vezes, em preconceitos e crenças coletivas. Trata-se de um processo de intervenção no arbitrário cultural, no qual a concepção cultural dos grupos e classes dominantes impõe a toda sociedade um direcionamento pré-determinado, mesmo que de maneira inconsciente. O poder simbólico só se instaura quando o sujeito que está em condição inferior concede ao outro o poder de dominação, ou seja, “é um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe” (BOURDIEU, 1930, p.188). Complementando a ideia de consentimento proposta por Bourdieu, Norbert Elias (2000) afirma que:

Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. (...) Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder como meio de manter sua superioridade social. Nesta situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar a auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo (ELIAS, 2000, p.24)

A perpetuação do poder simbólico está incorporada no próprio imaginário coletivo. São forças produzidas e reproduzidas pelas estruturas, reafirmando as posições

¹¹ Ver: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-facebook.htm>



na hierarquia. Outro aspecto fundamental para o entendimento da violência simbólica é a noção de *habitus*, também conferida pelo sociólogo Bourdieu(1930). Para o autor, o *habitus* diz respeito a um sistema de disposições, formas de sentir, de fazer, de pensar e também de perceber e que, por este motivo, induzem a comportamentos específicos em diferentes situações que envolvem os sujeitos e suas relações sociais. Assim, o *habitus* é o que conecta o indivíduo à sociedade e é formado pelas condições de existência do mesmo, influenciando em suas formas de agir, compreender e sentir o mundo. O *habitus* pode ser entendido como uma segunda natureza, relativamente independente, uma vez que se encontra historicamente presa ao indivíduo, isto é, vai sendo adquirida ao longo do tempo, sem que o sujeito tenha consciência disso. “É princípio de um conhecimento sem consciência, de uma intencionalidade sem intenção” (BOURDIEU, 1930, p.22). A força do *habitus* é exercida sem o controle o sujeito.

Desta forma se tornam estruturas interiorizadas e alojadas no indivíduo permanentemente. Tais estruturas geram práticas e representações, que são dinâmicas, autônomas e não necessitam de uma absorção consciente nas suas transformações (BOURDIEU, 1930). Assim, se tem a violência simbólica manifestada a partir de um *habitus* internalizado que só existe porque há crença nele. Bourdieu explica que é esse “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1930, p.7). Por fim, cito rapidamente Minayo (1990) que trata a violência simbólica como uma fantasia maniqueísta, onde a sociedade é colocada sob julgamentos e suspeitas permanentes, onde se fixa o mal em determinado tipo de pessoa e age como se já soubesse de onde e de quem é proveniente a violência. Também é relevante o pensamento de Odália (1985) em que há nas relações um subordinado e um subordinador, que não são iguais e sim semelhantes. Assim, meu objetivo é identificar o lado obscuro do ato violento, aquele que passa despercebido, é simbólico e muitas vezes mais letal do que o próprio ato físico. É esta violência sutil que me interessa apreender. A violência naturalizada entre os sujeitos nas suas relações.

Metodologia

Desde o início da polêmica dos rolezinhos, acompanhei as manifestações off-line e online. Após definir os rolezinhos efetivamente como objeto, realizei uma busca detalhada em fan pages e comunidades do Facebook que abordavam temática. Assim, de forma arbitrária, recortei apenas um meme que considerei

relevante para a análise coerente com a proposta de trabalho feita aqui.

Análise da Postagem 1 - Os Rolêzinhos

Escolhi trabalhar com a página Os Rolêzinhos (<https://www.facebook.com/Encontrossp>), pois considero ser um espaço relevante, uma vez que foi criada por um dos organizadores do rolezinho realizado no Shopping Taboão no dia 21 de dezembro¹², talvez um dos mais representativos. Assim, a página Os Rolêzinhos tem o intuito de comentar as repercussões dos rolezinhos feitos por eles mesmos e não observar a situação de fora. A descrição "Não apoiamos quebra-quebra, nem furtos, apoiamos a causa de mais lazer para nossa geração de adolescentes. {Pensem Oque Quiser Hoje Você Critica Nós Jovens, AMANHA SEU FILHO TA COM NOIS NO ROLE}", já demonstra a imagem que a página quer passar, principalmente em relação ao uso da violência, roubos e etc., ao mesmo tempo em que afronta os que condenam os rolezinhos, dizendo que os próximos rolezeiros serão os próprios filhos de tais críticos. Este canal possui 3.044 curtidas. Para facilitar a visualização, criei uma pequena tabela junto ao meme que apresenta os dados da postagem analisada.

Postagem 1 - Os Rolêzinhos



Nome	Texto	Curtidas	Comentários	Compartilhamentos
------	-------	----------	-------------	-------------------

¹² <http://taboaoemfoco.com.br/todas-as-noticias/policia-so-vai-agir-contra-rolezinho-em-caso-de-desordem-afirma-grella>



Postagem 1	Enunciado 1: “Lembre-se: Neste shopping é proibido deixar entrar aqueles tipos de pessoa.” Enunciado 2: “Quais tipos? Os parecidos com a gente?”	06	04	01
------------	---	----	----	----

Tabela 1: Sistematização de dados da Postagem 1.

A construção social a qual os sujeitos e o seu coletivo estão mais "familiarizados" é o da dominação (BOURDIEU,1930), isto é, o indivíduo passou a se desenhar e a estabelecer suas relações a partir de uma hierarquia e não de uma igualdade. Quem domina, o faz a partir de uma posição confortável e bem instalada (ELIAS,2000) para manter e reforçar sua superioridade social. Se as situações históricas e temporais moldam e influenciam o indivíduo(SOBRAL,2009), e se a sociedade está imersa em uma cultura de superioridade e violência (implícita e explícita), é evidente notar que os rolezinhos causaram uma confusão, um embate entre um grupo que já estava historicamente acomodado com a divisão de terrenos. O ser e o agir do sujeito foi se constituindo verticalmente e neste meme observamos com nitidez a luta de arbitrários culturais reforçados nas crenças, preconceitos coletivos (BOURDIEU, 1930) que são jogados à prova na arena de vozes.

O fato é que os shoppings do Brasil naturalizaram uma classe que frequentava o shopping para comprar e outra que somente passeava e desejava as roupas da vitrine. Era um sentimento de pertencimento e satisfação somente pela visita - e escolhi esta palavra propositalmente, pois visitar significa ir a um lugar a que não se pertence, é um deslocamento de curta duração e que pressupõe um retorno a um lugar de origem¹³, isto é, é um grupo que não pertence ao shopping, mas participa, mesmo que superficialmente e por pouco tempo, do contexto do local. Nunca houve um conflito claro, já que o público dominante era o dos compradores, exceto pelo desconforto implícito e os olhares preconceituosos que avaliam o sujeito e o desabonam por sua posição. Essa é a violência que coloca determinados grupos sob julgamentos, como defende Minayo (1990).

A atuação da polícia, no caso da Postagem 1, parece dar uma valoração ambígua ao serviço que presta à comunidade. A alternância de vozes (SOBRAL, 2009) é notada, no mínimo em dois sentidos a partir do mesmo sujeito. O primeiro é o tratamento que é

¹³ <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=visita>



dado para a periferia ou para as classes mais baixas que, ao considerar as armas em punho do policial do meme e as repercussões dos rolezinhos nos shoppings de São Paulo, associa à tendência que a categoria tem de agir com violência e opressão. O segundo é o policial que dirige seus atos éticos e se afirma ao proteger e servir a um grupo de sujeitos burgueses. O tipo de tratamento dado a cada um desses grupos é diferente!

Ao falar "daquelas" pessoas, o policial do Enunciado 1 desenha um leitor que molda o seu discurso (BAKHTIN, 2003), nesse caso o seu enunciado estava de acordo ao comportamento do policial que protege a burguesia, fixa o mal em determinado tipo de sujeito (MINAYO, 1990) e organiza seu discurso beneficiando uma posição de dominação e poder, interiorizada pelo *habitus* facilmente aceito e absorvido pelos demais. Ao assumir aquela atitude responsiva e manifestar seus valores a partir do enunciado (SOBRAL, 2009), o policial do Enunciado 1 dá ênfase à sua valorização em defesa da burguesia e tenta calar as vozes da minoria. Entretanto, a arena de vozes jamais poderá ser silenciada, pois nela co-existe uma teia dialógica que se entrelaça com várias outras vozes (BAKHTIN, 2003) e atos que se expressam simultaneamente e alternam-se a cada momento. Talvez por isso tenha surgido a dúvida do policial do Enunciado 2, ao deparar-se com um conflito de posições-sujeitos (SOBRAL, 2009), sem saber a qual atitude responsiva e valorativa deveria ser adequada para aquela situação, uma vez que o conteúdo e o sentido das decisões éticas está diretamente ligado à situacionalidade do agente (SOBRAL, 2009).

Ao falar "aquele tipo de pessoa", o policial do Enunciado 1 realiza uma segregação, uma distinção entre determinados grupos que podem ou não estar no shopping. Há uma espécie de choque de consciência quando o policial se posiciona no Enunciado 2, entendendo uma possível semelhança entre eles - policiais - e os "tipos" de sujeitos que precisam combater. Os rolezeiros, o tipo de pessoa que os policiais devem manter fora do ambiente do shopping são compostos, principalmente, pela juventude da nova classe média brasileira¹⁴ que representa mais de 50% da população. Percebe-se um certo incômodo devido à ascensão da classe C no Brasil. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Data Popular para mapear um retrato dos adolescentes que participam dos rolezinhos, esses jovens pertencem em sua maioria à classe C e têm potencial de consumo de 129 bilhões de reais por mês, o que é maior do que as classes A, B e D juntas (R\$99 bilhões por mês). A mesma pesquisa revela que

¹⁴ http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_classe_media



o consumidor que frequenta os shoppings é heterogêneo, podendo ser dividido em 22% da classe A, 41% da B e 37% da C. Além disso, o último censo divulgado pela Associação Brasileira de Shoppings Centers (Abrasce), o maior número dos consumidores das lojas são formados por jovens da classe C¹⁵.

Assim, o contexto do shopping mudou. Aquela classe tímida que só visitava os centros comerciais para olhar vitrines e sonhar com os produtos, hoje pertence aos grupos dos maiores consumidores e ocupa cada vez mais o ambiente "natural" da burguesia. Mas, para entender o conflito de vozes que gerou a pergunta do policial do Enunciado 2, é preciso entender que esses servidores públicos também configuram a nova classe média, e isso pode ficar claro levando em conta o poder aquisitivo das classes C e D e considerando o salário ganho pelos policiais¹⁶. Já que a valoração/avaliação ética do ato responsável e presente no conteúdo do ato representa aquele valor atribuído para determinada questão em uma interação e já que o lugar/posição da qual o locutor fala molda o sentido do ato de formas diferentes (SOBRAL,2009), há um impacto do sujeito que fala da posição de policial e que serve à burguesia e o sujeito comum, que pertence à mesma classe que os rolezeiros, embora o ato concreto seja feito por um único indivíduo. O embate entre as vozes (BAKHTIN,2003) supõe a dúvida. No momento da enunciação, o sentido da Postagem 1 demonstra o sujeito que pertence à classe a qual precisa combater, devido a sua posição-sujeito (SOBRAL, 2009) de servidor público, para proteger outra classe, a dominante. A posição da polícia no meme é de superioridade, mas ao mesmo tempo demonstra a fragilidade vivida pelo sujeito que volta a enunciar da classe inferior no momento em que retira a farda.

No que diz respeito à interação, pode se considerar a característica de a internet permitir que o conteúdo permaneça na rede, a menos que seja deletado. Assim, é possível buscar e encontrar os rastros(BOYD,2007 *apud* RECUERO, 2009b), tomando a decisão ética/avaliativa de replicar ou não a informação a que teve acesso, revelando aos demais sujeitos o seus valores(RECUERO,2009b) e percepções sobre o mundo. Neste caso, os sujeitos que compartilharam a Postagem 1 parecem ter julgado relevante fixar o conteúdo em sua própria página pessoal, mesmo não falando nada sobre o assunto; o fato de compartilhar o meme demonstra a avaliação responsiva feita sobre aquela publicação. A Figura 1 mostra o comentário de um usuário que utiliza o

15 <http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/sociedade-os-rolezinhos-e-a-inclusao-social-pelo-consumo.htm>

16 <http://noticias.terra.com.br/brasil/piso-salarial-pms/>

espaço de interação para responder a pergunta do policial do Enunciado 2. Ao falar "Não, os baderneiros", o sujeito responde a questão primeira e muda sua posição construída anteriormente. Esta parece ser a imagem desenhada pelo *habitus* e transmitida em atos enunciativos por um sujeito ativo (BAKHTIN, 2003) que, ao ser concretizado, revela a origem do mal fixada nesse "tipo" de sujeito que no mundo postulado ("*zadan*") (SOBRAL,2009) é entendido como superior, mas que no mundo dado ("*dan*") possui as mesmas condições desiguais do que os participantes dos rolezinhos, isto é, se molda a partir do mesmo estrato social que os jovens que realizam os rolezinhos nos shoppings.



Figura 1: Comentário sobre a Postagem 1.

A estruturação da frase da Figura 1 mostra a alternância de, no mínimo, 3 vozes. A primeira é a voz daquele sujeito que utiliza o espaço de interação para responder ao questionamento do policial do Enunciado 2. Ao dizer "Não, os baderneiros", o usuário nega a primeira distinção e especifica quem seriam os tipos aos quais o policial do Enunciado 1 se referia. O tipo de gente seriam os baderneiros, afirma. Logo em seguida, outro elemento é levantado: o uso do shopping. Outras vozes se misturam nessa afirmação (BAKHTIN,2003), e sugerem questões relacionadas ao consumismo, lugares de lazer, sociedade do consumo e etc., mas isso não abordarei nesse trabalho. O que interessa salientar é a próxima construção da frase, que visa explicar a primeira. Na frase "shopping é para comprar coisas, não é baile Funk não negada.", o usuário justifica que o tipo de gente que faz baderna e deve ser proibido de entrar no shopping escuta funk. E, para completar acrescenta um novo tipo, ao dizer "negada". Isto é, há um sujeito que interage respondendo à Postagem 1 e apoiando o policial do Enunciado 1 nos discursos manifestados na arena ao mesmo tempo em que direciona seu ato, e o faz de acordo com a avaliação responsiva (SOBRAL,2009) que realiza em cima do momento e do contexto, explicitando outros valores, como o consumismo e a segregação de outros grupos até então não citados na Postagem 1: funkeiros e negros.

Ainda sobre a Figura 1, é válido ressaltar que mesmo que não tenham se manifestado explicitamente como o usuário que se expressou na Figura 1, dois usuários legitimaram o comentário ao curti-lo. Interessante perceber que estes dois sujeitos não



são os mesmos que curtiram a Postagem 1, a compartilharam ou a comentaram. Isso pode ser relacionado também aos atos avaliativos do sujeito ao considerar uma determinada situação no momento de fala (SOBRAL,2009), já que a valoração, aqui, foi dada ao comentário e não ao conteúdo da Postagem 1 em si. É relevante ressaltar que todas as interações foram feitas por sujeitos distintos, cada um atribuindo valor (SOBRAL,2009) ao meme de maneira diferente. O usuário que compartilhou não faz parte dos que curtiram a Postagem 1 e os sujeitos que curtiram a Postagem 1 não são nenhum dos que comentaram a publicação.

Na Postagem 1 é possível reparar no comportamento do primeiro policial, aquele que concretiza Enunciado 1 reforçando a dominação à qual está subordinado e, ao mesmo tempo, tomando uma posição-sujeito (SOBRAL,2009) superior ao segundo policial do Enunciado 2. Ao mesmo tempo em que obedece a uma ordem implícita de poder simbólico internalizada pelo *habitus* e concretizada nos atos de fala do sujeito inferior, ele assume uma postura de subordinador e impõe a sua própria avaliação ética para determinar o ato alheio a partir de uma posição confortável (ELIAS,2000). Mesmo assim, há um outro sujeito ativo que, ao tomar posse da palavra (BAKHTIN,2003) explicita o seu próprio modo de compreender aquela situação, fazendo uso de sua posição ativa e criando um novo questionamento.

O comportamento do segundo policial (Enunciado 2) perante o acontecimento dos rolezinhos parece ser o de um sujeito que percebe o contraste entre o seu dever, que na Postagem 1 seria o de proibir "aquele tipo de pessoa" de entrar no shopping, e a sua posição social. Assim, ele parece ter mais consciência do que o primeiro policial e confrontar o "*dan*" e "*zadan*" de modo que fique confuso no *habitus* perpetuado e dominante e a sua posição-sujeito naquele acontecimento que pertence tanto ao grupo subordinado (rolezeiros) quanto ao grupo subordinador (burguesia). Rolezeiros são jovens que nasceram em meio ao *habitus* (BOURDIEU,1930) da dominação da burguesia e foram estigmatizados e considerados inferiores, em uma cultura que preserva a submissão do mais fraco para massagear o ego privilegiado socialmente. Com o *boom* econômico e a ascensão das classes populares, o consumo se tornou ferramenta para equivaler, nivelar, pelo menos na questão de aquisição de bens, e integrar um grupo social no qual estas classes são excluídas quando o assunto é saúde, emprego e educação. São sujeitos que vão ao shopping mostrar que valorizam o mesmo produto e a mesma marca que o burguês que o exclui. Assim, aquele sujeito que tinha a fama de só olhar e não ter condições de



consumir fixada em si (MINAYO,1990), hoje é capaz de ostentar com bens de consumo que muitas vezes nem prioridade para a burguesia são.

Esse tipo de interação deve ser observada atentamente, pois pode representar uma nova maneira de sociabilidade (MOURA, 2005) e estruturação das relações sociais, um novo jeito de olhar para os fenômenos da vida offline e trazê-los como enunciados e valorações para o mundo online. O *habitus* continua sendo naturalizado e repassado através de trocas dialógicas entre sujeitos ativos (SOBRAL,2009) durante todas as etapas da comunicação. A diferença é que o ciberespaço é um espaço de construção de sentido em que os rastros das interações entre os sujeitos são deixados à mostra, pois a internet permite o desenrolar dessas relações condicionadas a esta nova arena de vozes, que agora também é virtual.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi apontar elementos a partir da Postagem 1 que pudessem dar insumos para perceber como a valoração concebida por Bakhtin (2003) é manifestada no ambiente online. Sei, no entanto, que existem outras milhares de interpretações possíveis e não tenho a pretensão de generalizar, de maneira alguma, essas considerações ao fenômeno como um todo, até porque ele envolve muitos assuntos que nem sequer abordei aqui. O que quis, sim, foi mostrar que a valoração dos sujeitos está ancorada em aspectos culturais que moldam e determinam certas linhas a serem seguidas pelos indivíduos. No entanto, tais linhas podem conter violência simbólica (BOURDIEU,1930) diluídas em avaliações responsivas (SOBRAL,2009) em que o sujeito se expressa sem ao menos saber. É o *habitus* (BOURDIEU,1930) que fala mais alto.

A internet, por sua vez, amplificou as possibilidades de propagação desses valores entranhados no sujeito. O suporte oferecido pelo Facebook permitiu que a Postagem 1 fosse buscada, rastreada e encontrada mesmo alguns meses após a sua publicação. Isso demonstra a importância das características que Boyd (2007, *apud* RECUERO, 2009b) defende. Tentei deixar o mais nítido possível o mecanismo de dominação e subordinação (ODÁLIA,1985) sendo posto em prática pelos usuários, que fixaram o mal "naquele tipo" de sujeito (MINAYO,1990) ao assumir um posto confortável para estigmatizar o outro (ELIAS,2000). Neste trabalho, observei o Facebook como a arena de vozes (VOLOSHINOV, 1976a) do combate entre as várias vozes presentes em simples enunciados.

O ser e o agir do sujeito como superior a um outro inferior deixou visível a



luta dos arbitrários culturais reforçados nos preconceitos coletivos (BOURDIEU,1930). Procurei demonstrar a relevância de se pensar as posições-sujeito (SOBRAL,2009) e as avaliações responsivas feitas pelos sujeitos através dos memes e jogadas na rede, para uma audiência que nem se sabe ao certo qual é. Acredito que essa nova maneira de sociabilidade (MOURA,2005) instaurada na internet também reflete as visões de mundo que muitas vezes não é manifestada no contexto offline. Os sujeitos estão diante de mais uma plataforma onde é possível externar o que se pensa, o que é perigoso, pois não desaparece no tempo e nem no espaço. A arena de vozes, agora, ecoa milhares e para milhares de vozes presentes nesse novo ambiente de construção de sentidos, amplificando os efeitos que já se observava na vida off-line e dando início a outros tantos que nem se imaginava. Os rolezinhos são apenas um exemplo da força dessa propagação e do desconforto vivido atualmente pelas classes mais altas devido ao *boom* econômico que fez um sujeito antes estigmatizado, um importante consumidor em potencial da sociedade atual.

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1930
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- DOURLEN, M. **A noção de alteridade do sujeito segundo a razão iluminista à crise de identidade do mundo contemporâneo In: Figurações do Outro** NAXARA, MARSON, MAGALHÃES AZEVEDO. Edufu,2009
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os Outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade, Rio de Janeiro, Zahar, 2000.
- MCLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo, Cultrix, 1964
- MINAYO, M. C. S. (Coord.) **Bibliografia Comentada da Produção Científica Brasileira sobre Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Panorama Ensp, 1990
- MOURA, M. **Interações sociais e comunidades virtuais: transformações na sociabilidade?**. Informática Pública, 2005 Disponível em http://www.ip.pbh.gov.br/ANO7_N1_PDF/IP7N1_moura.pdf (Acesso em: maio de 2013)
- ODALIA, N. **O que é violência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- PRIMO, A.; TRÄSEL, M. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. Contracampo (UFF), 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf>
- RECUERO, R.; ZAGO, G., **Em busca das “redes que importam”: redes sociais e capital social no Twitter**. Líbero, São Paulo, 2009.
- RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina:2009
- SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin - Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009**
- _____. **O ato "responsável" ou ato ético, em Bakhtin, e a centralidade do agente** - Signum Estudos da Linguagem. 2008 disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3092/2625> (Acesso em maio de 2014)
- VOLOSHNOV, V. Nikólaievich. **El signo ideológico y la filosofía del lenguaje**. Nueva Visión, 1976a.